

Minorias Étnicas

DICAS GERAIS



Refugiados, alunos em asilo e Menores sem família



Dicas Práticas – Sala de Aula (Baseado no método de instrução)

1. **Promover intervenções terapêuticas, uma vez que os alunos refugiados sofrem frequentemente de stress pós-traumático;** Estas podem incluir atividades que os ajudem a exteriorizar as suas experiências dolorosas através da escrita, narração de histórias, poesia, dança, música, drama ou qualquer forma de arte da própria cultura e herança dos alunos.

[Referência: Eisenbruch, M. (1991). Do transtorno de stress pós-traumático ao luto cultural: diagnóstico de refugiados do Sudeste Asiático. Ciências Sociais e Medicina, 33 (6), 673-680.]

2. **Evite fazer referências a questões que possam levar os alunos a recordar experiências traumáticas, como guerra, violência, separação familiar, bombas, armas.**

[Referência: Eisenbruch, M. (1991). Do transtorno do stress pós-traumático ao luto cultural: diagnóstico de refugiados do Sudeste Asiático. Ciências Sociais e Medicina, 33 (6), 673-680.]

3. **Evite separar os alunos mais jovens de irmãos mais velhos, especialmente se tiverem uma idade muito próxima. Isso também é importante para menores não acompanhados.**

[Referência: Rutter, J., & Jones, C. (1998). Educação de Refugiados: Mapeando o Campo. Sterling: Stylus Publishing.]



Dicas Práticas – ESCOLA (baseado no método de instrução9)

Adaptações Curriculares

1. **Dê especial ênfase ao ensino da língua nativa dos alunos e da língua inglesa, bem como da língua do país anfitrião, por meio de ensino adaptado.**

Uniformes escolares

Fornecer aos alunos material escolar que possam vir a precisar, incluindo roupas, uniformes escolares, artigos de papelaria, mochilas e livros.

Suporte para alunos

1. **Dê ênfase ao ensino da língua nativa dos alunos e da língua inglesa, bem como da língua do país anfitrião, por meio de ensino adaptado.**
2. **Peça ajuda de psicólogos escolares ou outros profissionais relevantes para abordar casos extremos de alunos refugiados que sofrem de perda, sofrimento e trauma.**
3. **Nomear professores experientes como mentores desses alunos, com a responsabilidade principal de representar seus melhores interesses e acompanhar o progresso acadêmico e o ajuste social.**

[Referência: McBrien, J. L. (2005). Necessidades educacionais e barreiras para estudantes refugiados nos Estados Unidos: uma revisão da literatura. Revisão da pesquisa educacional, 75 (3), 329-364.]

4. Colabore com a associação dos pais para encontrar famílias que se ofereçam para oferecer atendimento provisório (algumas horas/ semana) às crianças, como pais adotivos (refere-se a menores não acompanhados).

5. Use psicólogos da escola para entrevistar menores não acompanhados para ajudar a revelar os seus traumas e apoiá-los na superação dessas experiências (refere-se a menores não acompanhados).

[Referência: Rutter, J. (2001). Apoio a crianças refugiadas na Grã-Bretanha do século 21: um compêndio de informações essenciais. Sterling: Stylus Publishing.]

Organização da sala de aula

Agrupe os menores não acompanhados provenientes da mesma região juntos, sempre que possível, para frequentar a mesma escola (refere-se a menores não acompanhados).

Comunidade

- 1. Colabore com a associação de pais para encontrar famílias que se ofereçam para oferecer cuidados provisórios (algumas horas/semana) às crianças, como pais adotivos (refere-se a menores não acompanhados).**
- 2. Colabore com as autoridades locais, agências, igreja ou instituições de caridade e ONGs relevantes, de modo a ajudar a proporcionar a esses alunos um ambiente doméstico seguro e atencioso (refere-se a menores não acompanhados).**

Comida (Cantina / visitas de estudo / acampamentos / viagens)

Certifique-se de que estes alunos recebam refeições nutritivas durante as refeições escolares (refere-se a menores não acompanhados).

Outro (Saúde)

- 1. Verifique regularmente a saúde dos alunos. A imunização deve ser organizada para todos os menores não acompanhados (refere-se a menores não acompanhados).**

Pais e Associações de Pais

- 1. Colabore com a associação de pais para encontrar famílias que ofereçam cuidados provisórios (algumas horas por semana) a essas crianças, como pais adotivos (refere-se a menores não acompanhados).**

Literatura de Suporte

Definição de Refugiados:

De acordo com a Convenção da ONU de Refugiados de 1951, o principal documento jurídico que descreve o status e os direitos dos refugiados, assinados por 144 estados designa "um refugiado é alguém que, devido a um receio fundado de ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertença a um determinado grupo social ou uma opinião política, está fora do país de onde nasceu, e não está disposto a aproveitar-se da proteção desse país".

De acordo com o artigo 22º da mesma Convenção:

- 1. Os Estados que recebem os refugiados concederão aos mesmos tratamentos igualitário concedido aos nacionais em relação ao ensino fundamental.**
- 2. Os Estados que recebem os refugiados concederão um tratamento o mais favorável possível e, em qualquer caso, não menos favorável do que o concedido aos estrangeiros em geral nas mesmas circunstâncias, no que diz respeito à educação informal e, em particular, no que diz respeito o acesso a estudos, reconhecimento de certificados, diplomas e diplomas de escolas estrangeiras, remissão de taxas, encargos e outorga de bolsas de estudo.**

Definição de requerentes de asilo:

De acordo com U.N Refugee Agency, um requerente de asilo é alguém cujo pedido de asilo ainda não foi processado. No final de 2014, havia aproximadamente 1,8 milhão de pessoas, a nível mundial, à espera de uma decisão sobre os pedidos de asilo.

Definição de menores não acompanhados:

Um menor não acompanhado é uma pessoa com idade inferior a dezoito anos, a menos que, de acordo com a lei aplicável à criança, a maioria é alcançada anteriormente e é separada de ambos os pais e não é atendida por um adulto que por lei tenha responsabilidade de fazê-lo (ONU, "Refugee Children: Guidelines on Protection and Care", p.121).

Revisão da Literatura

As escolas desempenham papéis significativos nos processos de socialização dos alunos. Para um filho refugiado, esse processo é muitas vezes violentamente interrompido no país de origem, até que a educação da criança comece novamente com um novo processo de socialização numa escola no país anfitrião; Este processo é frequentemente em desacordo com o ambiente familiar da criança e com a experiência anterior da escola. Por exemplo, pode haver diferenças na disciplina, cultura escolar e processos de aprendizagem, que colocam

pressão adicional sobre uma criança que já experimentou múltiplas mudanças, trauma e perda.

Uma das principais tarefas para os estudantes refugiados dentro do ambiente escolar é adaptar e desenvolver habilidades sociais num novo contexto cultural e social. O voo de refugiados quase sempre interrompe esse processo de duas maneiras; Primeiro quebra a continuidade do processo de sociabilização e, em segundo lugar, impede a criança de progredir normalmente na aprendizagem de informações e habilidades (Ahearn & Athey, 1991).

As escolas também têm uma parte fundamental a desempenhar no processo por:

- **Ajudar os alunos refugiados a sentir-se menos invisíveis através da criação de um ambiente seguro, onde eles se sentem apoiados e entendidos;**
- **Proporcionar experiências de aprendizagem no currículo escolar, que incluem experiências de alunos refugiados e reforçar formas positivas de tratar os problemas;**
- Oferecer um suporte terapêutico e social para ajudar os alunos a integrar-se e sentirem-se parte da escola, sem perder as suas próprias identidades culturais.

Em termos de comportamento entre os alunos refugiados e os alunos habituais a resposta dos professores é importante:

- **Não para generalizar as respostas a várias perdas e mudanças.**
- **Ser recetivo às formas em que os alunos refugiados podem ser afetados, bem como as formas em que o trauma, perda e sofrimento podem aparecer dentro da sala de aula.**
- **Participar em formações especializadas e atividades relacionadas à educação de refugiados.**

A segurança é uma prioridade para as crianças refugiadas. A escola precisa criar um ambiente seguro dentro da escola e da sala de aula. Uma abordagem dentro da sala de aula é o uso de pequenos grupos, para que os alunos possam aprender uns com os outros num ambiente íntimo e de apoio. Além disso, a implementação ou fortalecimento de tópicos e projetos curriculares interculturais dentro das escolas poderá ajudar a aumentar os níveis de compreensão, aceitação e respeito mútuo. Além disso, a integração de um foco nos direitos humanos e nos refugiados irá informar todos os alunos das necessidades e experiências das crianças refugiadas e validar a importância das suas experiências.

Finalmente, são necessárias mais ligações positivas e culturalmente apropriadas entre as escolas e as famílias, que incluam programas para pais que participam de fóruns escolares para promover a diversidade cultural e a comunicação entre a comunidade escolar. O

envolvimento dos pais é fundamental para garantir o sucesso acadêmico das crianças refugiadas.

[Referência: Adaptado de "Intervenções para crianças refugiadas nas escolas da Nova Zelândia: modelos, métodos e melhores práticas".

<http://www.educationcounts.govt.nz/publications/schooling/5463/chapter-1>

Webistes e Relatórios Europeus

The U.N Refugee Agency website includes interesting teachers' materials, toolkits and other resources for Refugee Education: <http://www.unhcr.org/education.html>

The International Network for Education in Emergencies website: <http://www.ineesite.org/en/>

Report on the global trends of refugee education. UNHCR, 2011: Refugee Education: a Global Review

The website of the Alberta Government in Canada including multiple resources and ideas for refugee education: <http://teachingrefugees.com/>

Report prepared for the Ministry of Education of New Zealand entitled "Literature Review: Interventions for Refugee Children in New Zealand Schools: Models, Methods, and Best Practice": http://www.educationcounts.govt.nz/__data/assets/pdf_file/0016/12139/interventions.pdf

Report prepared by the International Committee of Red Cross containing guidelines for working with unaccompanied and separated children:
<http://www.unhcr.org/protection/children/4098b3172/inter-agency-guiding-principles-unaccompanied-separated-children.html>

Report prepared by the Office of the U.N High Commissioner for Refugees in Geneva containing guidelines on Policies and Procedures in dealing with Unaccompanied Children Seeking Asylum: <http://www.unhcr.org/publications/legal/3d4f91cf4/guidelines-policies-procedures-dealing-unaccompanied-children-seeking-asylum.html>

Jornais

Race, Ethnicity and Education: <http://www.tandfonline.com/loi/cree20#.Vo5mHfeTVIU>

Intercultural Education: <http://www.tandfonline.com/loi/ceji20#.Vo5oMPeTVIU>

Diaspora, indigenous and minority education: <http://www.tandfonline.com/toc/hdim20/current>

Referencias

European Union Agency for Fundamental Rights. (2014). European Union LGBT survey: Main results. Vienna: FRA – European Union Agency for Fundamental Rights.

Ahearn, F. L., & Athey, J. L. (1991). *Refugee children: Theory, research, and services*. Johns Hopkins Univ Press.

Beiser, M., Dion, R., Gotowiec, A., Hyman, I., & et al. (1995). Immigrant and refugee children in Canada. *Canadian Journal of Psychiatry*, 40(2), 67-72.

Bolloten, B., & Spafford, T. (1998). Supporting refugee children in east London primary schools. In C. J. J. Rutter (Ed.), *Refugee education: Mapping the field*. London: Trentham.

Dryden-Peterson, S. (2011). *Refugee education: A global review*. Geneva: UNHCR.

Eisenbruch, M. (1991). From post-traumatic stress disorder to cultural bereavement: diagnosis of Southeast Asian refugees. *Social Science & Medicine*, 33(6), 673-680.

Hattam, R., & Every, D. (2010). Teaching in fractured classrooms: refugee education, public culture, community and ethics. *Race Ethnicity and Education*, 13(4), 409-424.

Hyder, T. (1998). Supporting refugee children in the early years. In C. Jones & J. Rutter (Eds.), *Refugee education: Mapping the field*. London: Trentham Books.

Matthews, J. (2008). Schooling and settlement: Refugee education in Australia. *International Studies in Sociology of Education*, 18(1), 31-45.